



RUA DAS FLORES

500

Anos



PASSAGEM
E PERMANÊNCIA

1521 — 2021

Edição

© Santa Casa da Misericórdia do Porto
© Faculdade de Letras da Universidade
do Porto

Coordenação geral

José Ferreira e Silva

Coordenação científica

Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Nuno Resende

Textos

Alice Semedo
Ana Cristina Sousa
António Tavares
Cristina Cunha
Diana Felícia
Diogo Emanuel Pacheco Teixeira
Eduardo Carvalho
Francisco Ribeiro da Silva
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
Hugo Barreira
Inês Vinagre
Irina Curto
Joana Ribeiro-Santos
João Kendall
João Teixeira Lopes
J. A. Gonçalves Guimarães
Joaquim Teixeira
José Ferreira e Silva
José Augusto de Sotto Mayor
Pizarro
Luís Miguel Duarte
Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Nuno Resende
Olímpia Loureiro
Ricardo Jorge Dinis-
Oliveira
Rui Fernandes Póvoas
Sandra Vasconcellos
Sofia Nunes Vechina

Revisão geral

Fátima Azevedo
José Ferreira e Silva
Luís Castro
Rui Valente

Conceção gráfica

Lusoimpress.com

Foto capa

Sérgio Jacques, 2024

Créditos fotográficos

Ana Machado
CMP/Arquivo Histórico Municipal do
Porto/Biblioteca Pública Municipal
do Porto
CPF
Diana Felícia
Diogo Emanuel Pacheco Teixeira
Joana Ribeiro-Santos
Joaquim Teixeira
José Ferreira e Silva
Paulo Duarte
Rui Fernandes Póvoas
Rui Valente
Sérgio Jacques
Sofia Nunes Vechina
SCMP/Arquivo Histórico
SCMP/Hélder Rodrigues

Comunicação

Berta Brito
Sofia Caeiro

Impressão e Acabamento

Lusoimpress.com

ISBN

978-989-8578-50-1

CDU

94(469.121) (083.82)

Depósito Legal

532635/24

Tiragem

250 ex.

Junho 2024

A presente publicação respeita a versão de
Acordo Ortográfico adotada por cada autor.

Este suporte físico foi impresso com tintas ecológicas à base de óleos vegetais sobre papéis provenientes de florestas sustentáveis.



Sumário

- 5 **SIGLAS E ACRÓNIMOS**
- 9 **PASSAGEM, PERMANÊNCIA E MEMÓRIA**
António Tavares
- 11 **APRESENTAÇÃO**
Francisco Ribeiro da Silva
- 13 **INTRODUÇÃO. RUA DAS FLORES
PASSAGEM E PERMANÊNCIA**
Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Nuno Resende
- 19 **I PARTE. A RUA COMO FORMA**
- 20 **A cidade do Porto e o poder central nos tempos de D. Manuel I.
A Confraria da Misericórdia**
Francisco Ribeiro da Silva
- 24 **O Livro da Finta**
Cristina Cunha
- 27 **Pintura representando Santa Catarina**
Nuno Resende
- 31 **Notas sobre o Regimento do Hospital de D. Lopo de Almeida**
Francisco Ribeiro da Silva
- 34 **Arcanjo São Miguel**
Ana Cristina Sousa
- 35 **Casas e outras arquiteturas na Rua das Flores: permanências e
alterações**
Manuel Joaquim Moreira da Rocha
- 59 **O Tombo Novo do Hospital do Rocamador do Porto**
Luís Miguel Duarte
- 61 **A heráldica de família na Rua das Flores**
José Augusto Sotto Mayor Pizarro
- 63 **Representações da roda da Mártir Santa Catarina e do Arcanjo
São Miguel**
José Ferreira e Silva
- 66 **Duas Praças**
Hugo Barreira

81 **II PARTE. «A CORRENTE DO POVO AOS SEUS NEGÓCIOS»**

- 82 **O Bairro da Rua das Flores**
Francisco Ribeiro da Silva
- 84 **Ourivesaria Eduardo Carneiro & C.^a Lda.**
Ana Cristina Sousa
- 86 **Apontamentos sobre a arte do ferro na Rua das Flores**
Sofia Nunes Vechina
- 89 **«Rua de ourives e poetas»: a Rua das Flores nos séculos XIX e XX**
Nuno Resende
- 99 **A Rua das Flores no período constitucional**
J. A. Gonçalves Guimarães
- 103 **Vitrines e devantures: transformação e modernidade na arquitetura comercial**
Ana Cristina Sousa
Diana Felícia
- 106 **Contributo da ornamentação cerâmica na transformação da fisionomia da Rua das Flores**
Sofia Nunes Vechina
- 109 **Álbum biográfico de D. Júlia Meireles de Carvalho Vieira**
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
- 108 **Francisco Clamopin Durand**
Olímpia Loureiro
- 111 **Benfeitores retratados da Misericórdia do Porto relacionados com a Rua das Flores**
José Ferreira e Silva

- 116 ***O Album da Sancta Casa da Misericórdia do Porto* (1891)**
Nuno Resende

- 119 **Desenho representando o Largo da Feira e a Porta de Carros**
Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Nuno Resende

127 **III PARTE. A RUA LÍQUIDA**

- 128 **As Casas da Rua das Flores. Caracterização e Salvaguarda**
Joaquim Teixeira
Rui Fernandes Póvoas

- 142 **O provisionamento de água na Rua das Flores na Época Moderna**
Diogo Emanuel Pacheco Teixeira

- 145 **Esta Rua parece um Museu. Estratégias de musealização da cidade**
Alice Semedo

- 153 **O famoso crime da Rua das Flores que fez florescer a medicina legal em Portugal**
Ricardo Jorge Dinis-Oliveira

- 155 **A arte urbana na Rua das Flores**
Nuno Resende

- 158 **Turistificação? Gentrificação? Uma teia de dinâmicas emergentes na Rua das Flores**
Joana Ribeiro-Santos
João Teixeira Lopes

- 169 **CATÁLOGO EXPOSIÇÃO**

Siglas e Acrónimos

- ACL** – Academia das Ciências de Lisboa
- ADP** – Arquivo Distrital do Porto
- AHMP** – Arquivo Histórico Municipal do Porto
- AHSCMP** – Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto
- AIC** – Arquivo da Irmandade dos Clérigos
- ANTT** – Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- ASCR-CQ** – Amigos do Solar Condes de Resende – Confraria Queirosiana
- CEAU** – Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
- CEPESE** – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade
- CESPU** – Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário
- CITAR** – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologias das Artes
- CITCEM** – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
- CMP** – Câmara Municipal do Porto
- CPF** – Centro Português de Fotografia
- DCTP** – Departamento de Ciências e Técnicas do Património
- EA-UCP** – Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa
- FAUP** – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
- FCT** – Fundação para a Ciência e a Tecnologia
- FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- FMUP** – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
- IUCS** – Instituto Universitário de Ciências da Saúde
- MMIPO** – Museu e Igreja da Misericórdia do Porto
- MNSR** – Museu Nacional de Soares dos Reis
- SCMP** – Santa Casa da Misericórdia do Porto
- UP** – Universidade do Porto

As Casas da Rua das Flores. Caracterização e Salvaguarda

Joaquim Teixeira*

Rui Fernandes Póvoas**

Introdução

Este texto resulta da comunicação apresentada no colóquio internacional comemorativo dos quinhentos anos da Rua das Flores, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Novembro de 2021.

A comunicação teve como propósito alertar para os valores patrimoniais representativos da casa urbana da cidade do Porto, exemplificando com o caso da Rua das Flores, alertando para a vulnerabilidade da sua salvaguarda, num tempo em que se observa uma forte pressão de intervenções massivas neste edificado, grande parte das quais de *fachadismo*.

Com efeito, nos últimos anos a cidade tem sido objecto de intervenções em larga escala no seu edificado habitacional, a maior parte das quais consistem na demolição integral do interior dos edifícios, mantendo apenas as fachadas e, frequentemente, com alteração do parcelário original, através da aglutinação de edifícios contíguos numa única intervenção.

Por valores patrimoniais entende-se não só as fachadas da rua, onde se incluem os caixilhos dos seus vãos, mas todos os elementos arquitectónicos e construtivos que compõem o interior das casas.

Quinhentos anos de existência fazem da Rua das Flores uma das vias urbanas mais representativas do edificado habitacional da cidade do Porto, onde coexistem notáveis exemplares da casa nobre, baixa e larga, e da casa burguesa, estreita e alta.

Sendo certo que estes dois tipos edificatórios possuem em comum muitos elementos arquitectónicos e construtivos, a caracterização que aqui se apresenta irá centrar-se fundamentalmente na casa burguesa, tomando como referência científica os estudos de Teixeira 2004 e Teixeira 2014, e recorrendo à documentação fotográfica elaborada no âmbito de trabalhos académicos realizados por estudantes do Curso de Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP).

Enquadramento tipo-morfológico

Em consequência das transformações urbanas ocorridas ao longo dos quinhentos anos de existência da Rua das Flores, pode considerar-se que os exemplares das suas casas que chegaram até aos nossos dias correspondem aos tipos que Fernandes 1999 classifica de casa iluminista e casa liberal, ambos de matriz unifamiliar e polifuncional, ou seja, associando a função de habitar à de trabalho, seja qual for o mester ou a actividade comercial. A evolução entre estes dois tipos edificatórios, correspondentes sensivelmente aos séculos XVIII e XIX, não difere significativamente: o rés do chão

*FAUP/CEAU

**FAUP/CEAU

destina-se ao espaço de trabalho, o piso superior à zona social e os restantes aos quartos, localizando-se as cozinhas no piso mais elevado sob a cobertura, de modo a permitir a desenfumagem e a minimizar o risco de incêndio, o que era muito frequente nestas épocas. A partir da segunda metade do século XIX, práticas higienistas vão impondo paulatinamente a construção de pequenos sanitários nos alçados de tardo.

As casas inserem-se em lotes estreitos e profundos, possuindo larguras médias de seis metros e profundidades que podem ultrapassar os vinte metros, com três a cinco pisos de altura. Caracterizadas por volumetrias estreitas e altas (com três ou mais pisos), desenvolvendo-se em profundidade (que pode ultrapassar 20m), as casas acabam por possuir inevitavelmente compartimentos interiores, iluminados e ventilados a partir da caixa de escadas, importante elemento de articulação vertical situado sensivelmente a meio da casa (Figs. 1 e 2)

Paredes exteriores

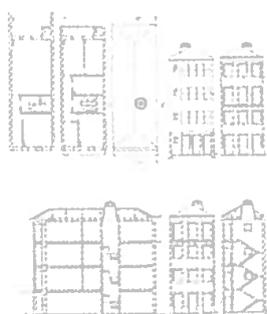


Fig. 1 – Planta cortes e alçados da Casa Iluminista.



Fig. 2 – Planta cortes e alçados da Casa Liberal.

As paredes exteriores das casas são constituídas pelas fachadas, da rua e do tardo, com espessuras de, sensivelmente 60 a 70 cm (4 a 3,5 palmos), e pelas paredes de meiação, de suporte dos sobrados e coberturas, com espessuras variáveis entre os 30 e os 40 cm (1,5 a 2 palmos).

As fachadas da rua e do tardo são autoportantes, contribuindo para a coesão do conjunto das paredes exteriores. Estas paredes são compostas por duplo pano de perpianho de granito, travado pelos lancis que conformam os vãos, executados em cantaria no mesmo material (Figs. 3 e 4).

Constituem ainda elementos de cantaria das fachadas: pilastras, frisos, sacadas, mísulas, cimalkas e platibandas. A construção das fachadas e a aplicação destes

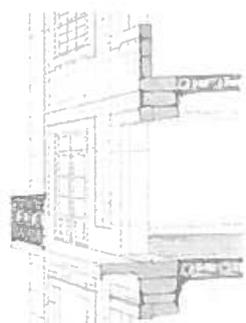


Fig. 3 – Corte tipo perspectivado por uma fachada da rua.

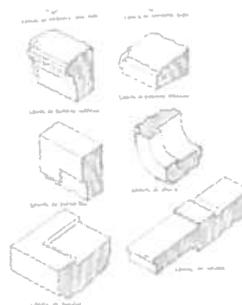


Fig. 4 – Tipos principais de lancis de vãos de fachadas.

elementos vai-se tornando objecto de grande sistematização, principalmente, a partir da actividade de urbanização almadina, a que não será alheia a influência da reconstrução pombalina.

As pilastras são elementos de composição dos alçados que, embora situados na separação das casas, não correspondem necessariamente à posição nem à espessura das paredes de meiação (Fig. 5). Algumas pilastras contêm baixos-relevos com figuras alegóricas (Figs. 6 e 7).

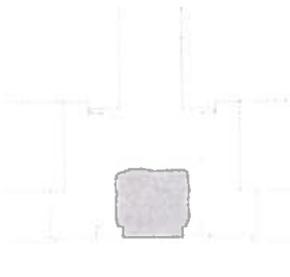


Fig. 5 - Planta de uma pilastra.



Fig. 6 - Pilastras com baixos-relevos representando S. Miguel, das casas n.ºs 224-228 e n.ºs 192-198.



Fig. 7 - Pilastra com a representação da roda, da casa n.ºs 25-31.

As sacadas são pequenas varandas que desempenham um importante contributo para a graciosidade da composição dos alçados. As sacadas mais antigas apoiam-se parcialmente nas paredes e em mísulas (Figs. 8 e 9). À medida que o sistema produtivo de extracção e transformação da pedra vai evoluindo, as lajes das sacadas tornam-se mais esbeltas e de maiores dimensões, o que lhes permite apoiarem-se integralmente na espessura das paredes, prescindindo das mísulas (Figs. 10 e 11).

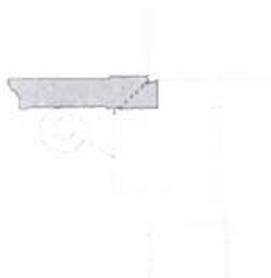


Fig. 8 - Corte tipo por uma sacada apoiada em mísulas.



Fig. 9 - Sacadas apoiadas em mísulas das casas n.ºs 262-266 e n.ºs 268-270.

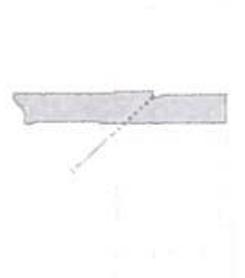


Fig. 10 - Corte tipo por uma sacada apoiada integralmente na espessura da parede.



Fig. 11 - Sacadas apoiadas integralmente na espessura da parede da fachada, na casa n.ºs 77-79, no Largo de S. Domingos.

O mesmo ocorre com as cimalthas, elemento destinado ao remate dos alçados e ao suporte do beirado, quando existente.

Por seu turno, os beirados servem de remate às tacaniças (vertentes de configuração triangular), sendo a sua função primordial proteger as fachadas da pluviosidade. São compostos por telha vã de grande comprimento (telhões), em forma de canal e capa, podendo a sua projecção atingir mais de 50cm (Figs. 12 e 13). Embora raros, é possível encontrar beirados executados com

telhas de faiança, apresentando variados motivos ornamentais sobre fundo branco (Fig. 14).



Fig. 12 – Corte tipo por um beirado.



Fig. 13 – Beirado comum, pertencente à casa n.º 135-145.

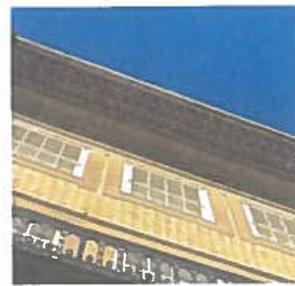


Fig. 14 – Beirado de telhas em faiança pertencente à casa n.º 86-92, no Largo de S. Domingos.

Muitas das casas da Rua das Flores ainda apresentam gárgulas a encimar as suas fachadas, algumas das quais integradas nas cimalkas (Figs. 15-17). Trata-se de exemplares antigos, que representam o sistema de escoamento das águas pluviais para a via pública, prática de deixou de ser permitida com a imposição da utilização de caleiras e tubos de queda, a partir de meados do século XIX.



Fig. 15 – Conjunto de gárgulas pertencentes à casa n.º 262-266.



Fig. 16 – Gárgula pertencente à casa n.º 56-64.



Fig. 17 – Gárgula pertencente à casa n.º 25-35.

As platibandas foram introduzidas na arquitectura portuense por influência do gosto inglês neopalladiano, o que terá ocorrido com a construção do hospital de Santo António e da Feitoria Inglesa, nos finais do século XVIII, edifícios que serviram de modelo. Estes elementos podem apresentar-se como simples muretes (Fig. 18), com balaústres (Fig. 19) ou com outro tipo de ornamentos, numa variedade de combinações (Fig. 20).

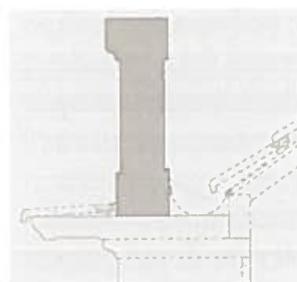


Fig. 18 – Corte tipo por uma platibanda opaca.

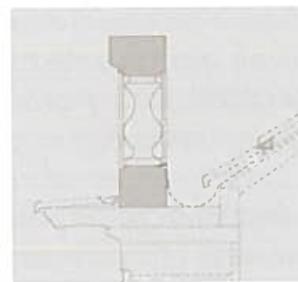


Fig. 19 – Corte tipo por uma gárgula com balaústres.



Fig. 20 – Platibanda opaca e platibanda com balaústres pertencentes às casas n.º 78-82 e n.º 72-76, respectivamente.

Por último, importa ainda referir as alminhas (Figs. 21 e 22) e os brasões (Figs. 23 e 24) como elementos presentes nas fachadas das casas, de que existem vários exemplos na Rua das Flores.



Fig. 21 – Alminhas da casa n.ºs 262-264.



Fig. 22 – Alminhas da casa n.ºs 268-270.



Fig. 23 – Brasão da casa n.ºs 77-87.



Fig. 24 – Brasão de esquina da casa dos Pimentel, n.ºs 2-12.

Inicialmente, as fachadas eram rebocadas, com acabamento estucado pintado a têmpera (tinta à base de cola) e, a partir das primeiras décadas do século XX, com tintas à base de óleo que, entretanto, se tinham vulgarizado. A partir de meados do século XIX, surge a moda do revestimento de azulejo (Fig. 25), o que vai conferir um aspecto muito peculiar às casas. Pelo interior, as paredes das casas são também rebocadas com acabamento estucado e pintado, podendo ainda conter lambrins decorativos de azulejo ou acabamento escaiolado, imitando pedras ornamentais (Fig. 26).



Fig. 25 – Exemplos de tipos e padrões de azulejos de casas da Rua das Flores.



Fig. 26 – Parede exterior com revestimento em escaiola da casa n.ºs 135-145.

Se nas primeiras construções as paredes exteriores em madeira eram muito frequentes, elas foram sendo substituídas pela alvenaria de pedra, a partir da segunda metade do século XVII, na sequência da tragédia que foi o grande incêndio de Londres de 1666. No Porto, estas paredes podem apresentar-se de dois tipos: o frontal e o tabique. O primeiro, consiste de uma estrutura reticulada de barrotes (prumos, frechais, travessanhos e escoras), preenchida com tijolos ou com pedra miúda argamassada, o segundo, possui uma estrutura mais simples preenchida com tabuado que pode ser simples ou duplo (Fig. 27). Ambos os tipos podem possuir diversas formas de revestimento, desde o reboco, aos soletos de ardósia, à telha vã e à chapa metálica. Na Rua das Flores ainda é possível encontrar um exemplo de piso acrescentado com parede de tabique, incluindo parte da sacada (Fig. 28).



Fig. 27 – Maqueta da estrutura de acréscimo integralmente em madeira.



Fig. 28 – Parede de piso recuado parcialmente em madeira da casa n.º 304-306.

Os alçados do tardoiz tendem a adquirir menos importância que os da rua, devido à sua vocação mais funcional. O próprio acabamento é menos cuidado, sendo muito raro, por exemplo, encontrar revestimento a azulejo. A partir da segunda metade do século XIX, as preocupações higienistas vão impor a construção de pequenos volumes exteriores destinados a instalações sanitárias, cujo acesso é efectuado através de largas varandas, apoiadas em mísulas de grandes dimensões, muitas delas encerradas posteriormente (Figs. 29 e 30). Estes são os elementos que vão contribuir para determinar as características destes alçados, tal como chegaram até nós.



Fig. 29 – Corte perspectivado por uma fachada do tardoiz.



Fig. 30 – Aspecto da fachada do tardoiz da casa n.º 103-107.

Paredes interiores

As paredes interiores cumprem maioritariamente a função de compartimentação, com excepção daquelas que conformam as caixas das escadas, as quais possuem ainda a função de apoio do patim de volta e, conseqüentemente, das respectivas escadas.

Trata-se de paredes leves, de tabique, cuja execução foi anteriormente descrita, neste caso apoiadas pontualmente nos sobrados (Fig. 31), preenchidas com tabuado (simples ou duplo) e revestidas de fasquiado (Fig. 32) que serve de ancoragem ao reboco estucado e pintado, de acabamento final, em continuidade com as paredes exteriores. Nas transições com os caixilhos possuem alizares; com os tectos, sancas em estuque; e com os pavimentos rodapés (Fig. 33) ou mesmo lambrins, alguns dos quais representativos da exuberância da arte da marcenaria (Fig. 34).



Fig. 31 – Maqueta de uma parede interior de tabique.



Fig. 32 – Revestimento de fasquiado de uma parede de tabique interior da casa n.º 135-145.



Fig. 33 – Rodapé e alizar de uma parede interior da casa n.º 135-145.



Fig. 34 – Lambrim da casa n.º 45, no Largo de S. Domingos (2012).

Sobrados

Os sobrados possuem uma estrutura muito simples de troncos de madeira (maioritariamente de Carvalho, Castanho ou Riga) meramente descascados, apoiados nas paredes de meação e travados entre si por tarugos, constituídos por pequenos fragmentos de vigas de madeira (Fig. 35).

O revestimento dos pisos é efectuado por meio de tábuas de soalho, geralmente em madeira de Pinho, algumas das quais chegam a atingir comprimentos de 10m (Figs. 36 e 37).



Fig. 35 – Maqueta da estrutura de um sobrado.



Fig. 36 – Vista da estrutura de um sobrado da casa n.º 135-145 (2012).



Fig. 37 – Soalho da casa n.º 135-145 (2012).

Os primeiros tectos das casas seriam revestidos a tabuado de madeira, sendo ainda possível encontrar exemplos desta prática. No século XIX começam a surgir tectos estucados, usando um revestimento de fasquios pregado ao vigamento (Fig. 38), técnica que perdurou até à primeira metade do século XX, designadamente em edifícios modernistas. A arte dos estucadores ganhou grande relevo na construção e decoração dos edifícios, como fica bem expresso nos notáveis trabalhos em estuque ainda possíveis encontrar (Fig. 39).

Os tectos em masseira são muito frequentes nos últimos pisos, sob o desvão das coberturas (Fig. 40). A sua execução é em tudo idêntica à dos anteriores tectos em estuque, pressupondo, contudo, a existência de uma subestrutura mais complexa, fixada ao madeiramento da cobertura (Fig. 41).



Fig. 38 – Tecto da casa n.º 42-46 (2005).



Fig. 39 – Tecto com ornamentos em estuque e pinturas, em fase de restauro, da casa n.º 135-145 (2012).



Fig. 40 – Tecto de masseira da casa n.º 127-131 (2007).



Fig. 41 – Maqueta de um tecto de masseira.

Escadas

As escadas de acesso aos sobrados podem ser de lanço único, de dois lanços paralelos, com patim de volta, e de três lanços ortogonais, com dois patins de volta. As escadas de lanço único, por ocuparem menos espaço, são geralmente usadas no acesso ao 2.º piso ou ao desvão da cobertura. A sua estrutura é constituída por duas a três vigas perna, onde encastram os degraus, as quais se apoiam nas cadeias dos pisos e dos patins de volta. Estes patamares, por sua vez, apoiam-se nas paredes de tabique da caixa de escadas (Figs. 42-44). Acerca deste elemento importa ainda referir os notáveis trabalhos da arte da carpintaria e marcenaria presentes nos seus corrimãos, balaústres e guarda-chapins.

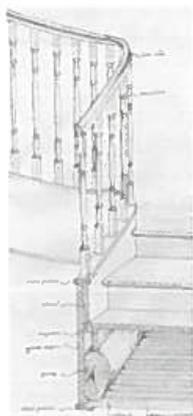


Fig. 42 – Desenho da estrutura tipo de uma escada.



Fig. 43 – Maqueta da estrutura de uma escada de dois lanços.



Fig. 44 – Vista inferior de uma escada de três lanços da casa n.º 135-145 (2012).

Telhados

Os telhados das casas são maioritariamente de quatro águas, com as tacaniças a encimar os alçados principais. A sua estrutura é constituída por asnas primitivas ou asna de tesoura, apenas formadas por linha e duas vigas perna (Fig. 45), ou por asnas de pendural e escoras, introduzidas nos finais do século XIX, muitas das quais executadas com peças esquadriadas (Fig. 46). As asnas, juntamente com as fileiras, as madres e os frechais, constituem a estrutura de suporte do varedo e ripado, onde assentam as telhas. Inicialmente, era usada telha vã ou de canal, o que pressuponha a utilização de tabuado de forro; mais para os finais do século XIX, começa a surgir a telha Marselha, disseminada como lastro dos navios, que vai permitir aumentar a inclinação das vertentes.

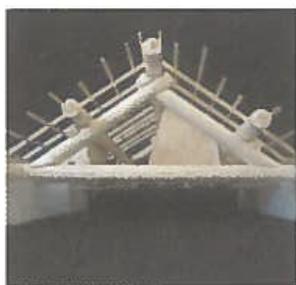


Fig. 45 – Maqueta de uma asna primitiva, em forma de tesoura.



Fig. 46 – Asna complexa, com pendural e escoras, da casa n.º 44-48 (2005).

As clarabóias são elementos importantes das coberturas dada a relevância das caixas de escadas enquanto elemento central na organização das casas. As clarabóias podem ser rasantes aos planos das vertentes ou salientes, em forma de cúpula, com lanternins cónicos, alguns dos quais possuem vidros coloridos que produzem efeitos surpreendentes nos interiores. As clarabóias salientes possuem uma estrutura de aduelas de madeira conformadas entre frechais circulares e travadas por travessanhos (Fig. 47), que serve de apoio ao revestimento de tabuado sobre o qual é aplicado o reboco estucado (Fig. 48), à semelhança do procedimento adoptado nas paredes de tabique. Pelo exterior, as cúpulas podiam ser revestidas por telha vã, soletos de ardósia ou chapa de zinco. Os lanternins são executados com esbeltos perfis metálicos rebitados. Devido à sua exposição directa às condições climáticas, estes elementos tendem a degradar-se com grande facilidade, o que tem dificultado a sua conservação.



Fig. 47 – Maqueta da estrutura de um telhado e da cúpula de uma clarabóia.



Fig. 48 – Clarabóia da casa n.º 127-131 (2007).

Devido ao desenvolvimento das casas em altura, as escadas interiores são importantes elementos de articulação e organização arquitectónica. A estrutura das escadas utiliza o mesmo tipo de elementos usados na execução dos sobrados e das coberturas, ou seja, meros troncos de árvore apenas descascados. Também a madeira utilizada é a mesma aplicada nos sobrados e cobertura, ou seja, Castanho, Carvalho e Pinho.

Caixilhos exteriores

Os caixilhos exteriores das casas contemplam portas, de acesso à habitação ou ao espaço do rés-do-chão, janelas de peito e janelas de sacada.

Os materiais usados são a madeira de Castanho, de Carvalho ou de Pinho e a sua execução é muito semelhante, baseada em ligações muito simples e universais (Fig. 49). As ferragens utilizadas contemplam as dobradiças, os fechos e os ferrolhos (Fig. 50). O seu acabamento é sempre constituído por uma pintura à base de tinta de óleo, seguida da aplicação dum verniz de protecção. As cores adoptadas são tendencialmente escuras.

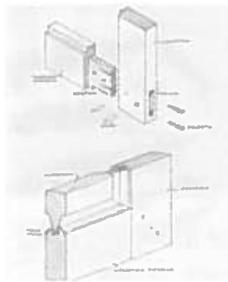


Fig. 49 – Principais tipos de união entre elementos de esquadrias de caixilhos exteriores e interiores.

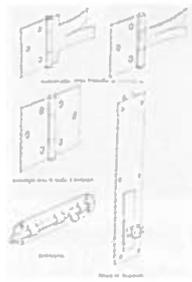


Fig. 50 – Ferragens mais frequentes nos caixilhos exteriores e interiores.

As portas principais podem possuir uma ou duas folhas, com ou sem bandeira (Figs. 51-53), a qual pode ser envidraçada e encerrada por grade metálica, em ferro forjado ou fundido. Estes caixilhos funcionam no aro de gola dos lancis de cantaria dos vãos, que lhes servem de batente, com as dobradiças chumbadas directamente na pedra.

Embora as portas principais sejam, em regra, os caixilhos exteriores mais conservados nas reabilitações, constata-se uma escassez de exemplares antigos na Rua das Flores.

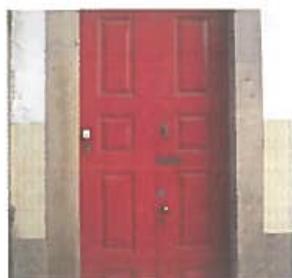


Fig. 51 – Porta da casa n.º 42 (2005).



Fig. 52 – Porta principal da casa n.º 139 (2012).



Fig. 53 – Porta da casa n.º 66, no largo de S. Domingos (2011).

Os caixilhos das janelas de peito podem ser de corrediça, ou guilhotina, e de batente.

Os caixilhos de guilhotina foram introduzidos por influência da comunidade inglesa instalada no Porto, tendo conhecido grande sucesso na sua utilização por prescindirem de ferragens complexas para o seu funcionamento. Estes caixilhos possuem geralmente duas folhas, em que pelo menos uma delas é móvel, associadas a um aro muito simples fixado ao lancil do vão, posicionado à face exterior da parede, sobre a soleira de madeira. As folhas, de grande dimensão, são subdivididas por uma retícula de esbeltos pinázios formando pequenas vidraças ao estilo georgiano (Fig. 54), nalguns exemplos com feitiços adaptados ao gosto portuense (Fig. 55).



Fig. 54 – Janela de guilhotina de duas folhas, da casa n.º 103-107 (2007).



Fig. 55 – Janelas de guilhotina da casa n.º 45, no Largo de S. Domingos (2012).

Os caixilhos de batente de peito possuem geralmente duas folhas móveis e uma fixa (bandeira), posicionando-se, à semelhança dos anteriores, no aro de gola à face exterior das paredes (Figs. 56 e 57). As suas dobradiças são fixadas directamente aos lancis de cantaria, o mesmo acontecendo com o aro simples, que lhe serve de batente e remate, e com a soleira, também executada em madeira. Os primeiros caixilhos envidraçados teriam certamente muitos pinázios; porém, com a disponibilização de chapas de vidro de maiores dimensões, estes elementos vão desaparecendo, reduzindo-se a um ou dois por folha. Os caixilhos de sacada apresentam as mesmas características, excepto a presença de almofadas, devido à sua grande altura, e a ausência de soleira em madeira.



Fig. 56 – Janela de batente de peito, de duas folhas com bandeira, da casa n.º 99-101 (2005).



Fig. 57 – Janela de sacada com duas folhas e bandeira da casa n.º 99-101 (2005).

Caixilhos interiores

Os caixilhos interiores das casas são predominantemente constituídos pelas portadas, portas e janelas. A sua execução e acabamentos obedecem aos mesmos procedimentos descritos para os caixilhos exteriores, sendo o Pinho a madeira mais utilizada e as cores claras, em tons de cinza, bege ou amarelo-claro.

As portadas servem de complemento aos caixilhos exteriores, revelando-se importantes elementos de controlo térmico e de segurança das casas. Trata-se de caixilhos totalmente opacos, formados por couceiras e travessas, preenchidas por almofadas (Figs. 58 e 59), que usam o aro de gola de cantaria como batente, fixando-se directamente à pedra através de dobradiças (Fig. 60).



Fig. 58 - Portadas da casa n.ºs 38-42 (2005).



Fig. 59 - Portada da casa n.ºs 135-145 (2012).

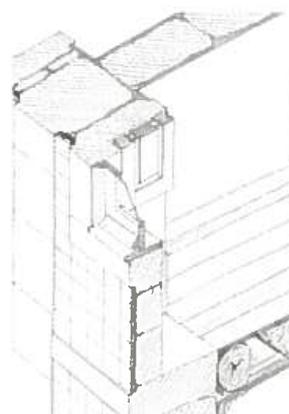


Fig. 60 - Corte perspectivado por um vão de fachada.

As portas interiores são elementos de ligação entre os vários compartimentos e podem possuir uma ou duas folhas, com ou sem bandeira envidraçada (Figs. 61-63), encontrando-se predominantemente localizadas em paredes de tabique.



Fig. 61 - Porta de uma folha da casa n.ºs 135-145 (2007).



Fig. 62 - Porta de duas folhas com bandeira da casa n.ºs 103-107 (2005).



Fig. 63 - Porta de uma folha com bandeira da casa n.ºs 103-107 (2005).

As janelas interiores surgem predominantemente na caixa de escadas, destinando-se à iluminação e ventilação dos compartimentos interiores, e podem apresentar um funcionamento de batente ou de corrediça (Figs. 64 e 65).



Fig. 64 – Caixilhos interiores (guilhotina e batente) na caixa de escadas da casa n.ºs 121-125 (2009).



Fig. 65 – Janela de batente de duas folhas na caixa de escadas da casa n.ºs 121-125 (2009).

Conclusão

Actualmente, é muito provável que uma grande parte dos elementos de valor patrimonial das casas da Rua das Flores, apresentados anteriormente, tenham desaparecido inexoravelmente. Tal circunstância fica a dever-se, fundamentalmente, ao elevado número de intervenções ocorridas nos últimos anos, frequentemente caracterizadas pela demolição de todo o existente, incluindo caixilhos (Figs. 66 e 67), em actuações de reconstrução de pendor *fachadista*, cujo resultado, nalguns casos, leva à criação de falsos históricos, pelo menos para os mais incautos. A própria morfologia dos conjuntos históricos protegidos tem vindo a alterar-se com o aumento da densidade de construção e conseqüente nivelamento das volumetrias, o que tem conduzido à perda da diversidade tão característica do seu perfil urbano. A obrigatoriedade de manutenção das fachadas resulta amiúde em soluções disformes, não só devido à desadequação da nova volumetria, mas também à utilização de elementos em materiais e geometrias estranhos à natureza dos edifícios, o que acontece frequentemente com os caixilhos exteriores. Estas actuações têm representado perdas irreparáveis de valores patrimoniais, arquitectónicos e construtivos, com conseqüências nefastas para a identidade da cidade histórica.



Fig. 66 – Conjunto de casas da Rua das Flores, pertencentes ao quarteirão das Cardosas em fase de intervenção (2011).



Fig. 67 – Casa n.ºs 56-64 em reabilitação (2017).

É certo que qualquer cidade sofre transformações ao longo do tempo, não só pela degradação natural dos seus edifícios, mas também por necessidade de adaptação a exigências de vária ordem. Acontece que no passado essas

transformações eram lentas e efectuadas com os mesmos materiais e técnicas, num processo contínuo e harmonioso. Com a disseminação do betão armado e de uma parafernália de novos materiais e sistemas construtivos, começou a ocorrer uma série de fenómenos (roturas, desequilíbrios, fragmentações e substituições), progressivamente mais graves, dos quais subsiste apenas o que não é, ainda, permitido descartar – a fachada da rua.

A degradação a que o centro histórico chegou até há bem poucos anos atrás, pese embora algum trabalho meritório realizado pelo Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo (CRUARB), resultou, antes de mais, do longo abandono a que esteve sujeito, apenas se alterando com o recente impulso trazido pelo turismo e, em particular, com a proliferação do alojamento local.

Este quadro ambientalmente insustentável, devido à delapidação de um importante recurso, tem conduzido a perdas irreparáveis de património, comprometendo o seu legado às futuras gerações e, por conseguinte, a preservação da nossa identidade cultural.

Por outro lado, não se pretende aqui defender a cristalização da cidade histórica, conduzindo à sua *museificação*, o que seria absurdo, mas antes pugnar pela viabilidade da sua regeneração e reabilitação, integrando os valores patrimoniais que lhe são próprios (materiais e imateriais), demonstrando que estes não são incompatíveis com as actuais necessidades dos seus habitantes, nem com a sua natural vocação turística. A cidade do futuro já existe hoje, e a sua conservação constitui a melhor via para se alcançar uma desejável e necessária reabilitação integrada, verdadeiramente sustentável, em termos ambientais, sociais e económicos.

Referências bibliográficas

FERNANDES, F. Barata (1999). *Transformação e Permanência na Habitação Portuense. As Formas da Casa na Forma da Cidade*. 2.^a ed. Porto: Publicações FAUP.

TEIXEIRA, Joaquim (2014). *Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica. Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto*. Porto: FAUP. [Tese de doutoramento]

TEIXEIRA, Joaquim (2004). *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*. Porto: FAUP. [Trabalho de Síntese elaborado no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica]

Créditos das imagens

Figuras 1 e 2: retiradas de Fernandes 2009.

Figuras 3 – 25; 28 – 30; 42; 49 e 50; 60; 66-67: pertencentes ao arquivo pessoal de Joaquim Teixeira.

Figuras 26 e 27; 30 – 33; 35 – 41; 43 – 48; 51 – 59; 61 – 65: pertencentes ao arquivo de Construção 1/FAUP.



9 789898 578501

1521 2021

PASSAGEM E PERMANÊNCIA

Uma cidade é feita de ruas e casas, mas sobretudo das pessoas que nela habitam, à ela ocorrem ou por ela passam. É numa cidade em construção, como ainda era o Porto do século XVI, a abertura de uma nova e estratégica rua, com regras inovadoras no alinhamento das casas a edificar, foi, sem dúvida, um acontecimento histórico. Quinhentos anos depois faz todo o sentido revisitar e, quanto possível, mergulhar nas origens.

A Rua das Flores nasceu em 1521 de uma vontade de regularização, de ordenamento, de disciplina. Procura «corrigir» a cidade orográfica plasmando no seu urbanismo, de uma forma vincada, os poderes locais, mas também o régio e o episcopal. Aberta num sítio de hortas ou jardins, zona chã a deslido do rio da Vila, funcionará como passagem mais direta entre dois pontos da cidade, mas também como eixo entre duas instituições, o novo Mosteiro de São Bento de Avé Maria e o Convento de São Domingos, lugar por excelência das assembleias do burgo.

Hoje, 500 anos passados sobre a sua abertura, a Rua das Flores retoma o seu papel de lugar de passagem entre espaços da cidade, mas também entre mundos e visões. Nunca um lugar de tantas gentes, cumulado por tanta memória, poderá alguma vez ser consensual.

MIPO

Associação de Estudos e Investigação em História
Mestrado em História Antiga do Porto

U. PORTO

FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



CITCEM

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Porto.